



**UMA REPRESENTAÇÃO DA OBSESSÃO COM O PASSADO E NOSTALGIA
NO CINEMA E NA TELEVISÃO TURCA**

**A REPRESENTATION OF OBSESSION WITH THE PAST AND NOSTALGIA
IN TURKISH CINEMA AND TELEVISION**

Mustafa Umut Kafadar¹

RESUMO

Este artigo trata do filme *Fetih 1453* (Conquista 1453), mas também discute o retrato da história otomana no cinema turco e na televisão. Explora o papel dos filmes históricos na reescrita da história. A representação do ano de 1453 tornou-se um ícone simbólico, uma ilustração que facilita a construção de uma identidade coletiva. A data de 1453 é considerada como uma linha divisória, o início de um império que pretendia conquistar o mundo. Afirma-se que o retrato de veneração dos otomanos na tomada de Constantinopla de 1453 solidifica o anseio dos turcos por uma idade de ouro e, ao mesmo tempo, promove uma identidade muçulmana-turca. Desta vez, a reescrita da história está sendo feita por um discurso nacionalista-conservador.

Palavras-chave: Império Otomano. Turquia. Filmes e Séries. Discurso nacionalista-conservador.

ABSTRACT

This article deals with the film *Fetih 1453* (Conquest 1453), but also discusses the portrayal of Ottoman history in Turkish cinema and television. It explores the role of historical films in the rewriting of history. The representation of the year 1453 became a symbolic icon, an illustration that facilitates the construction of a collective identity. The date 1453 is considered to be a dividing line, the beginning of an empire that intended to conquer the world. It is argued that the portrayal of Ottoman veneration in the 1453 takeover of Constantinople solidifies the Turks' yearning for a

¹ Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO, Bauru). Artigo realizado sob a orientação da Profa. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, na matéria Metodologia da Pesquisa em História, e do Prof. Dr. Roger Marcelo Martins Gomes, em História Contemporânea II. E-mail: umutkafadar@gmail.com.



golden age while promoting a Muslim-Turkish identity. This time, the rewriting of history is being done by a nationalist-conservative discourse.

Keywords: Ottoman Empire. Turkey. Films and Series. Nationalist-conservative discourse.

INTRODUÇÃO

As séries de TV turcas se tornaram populares no Oriente Médio, Ásia Central, Balcãs e América do Sul durante a década de 2010 e foram discutidas em diferentes disciplinas. Neste artigo, diferentes exemplos e argumentos são levados em consideração e avaliados. O artigo abordará as seguintes questões: O ressurgimento da narrativa da Queda de Constantinopla na Turquia é uma coincidência ou é uma manifestação do revisionismo histórico na retórica nacionalista-conservadora contemporânea? É uma narrativa sobre o passado ou o presente? Quando consideramos que essas mídias visuais, como filmes, documentários e televisão tornaram-se efetivamente as fontes dominantes que informam a vasta maioria das pessoas sobre conhecimento histórico, é suficiente apenas conceber esses filmes como obras de ficção, levando em consideração as consequências políticas que elas trazem na prática? Este artigo discutirá essas questões, desconstruindo os conceitos de memória, história e nostalgia, para explorar o papel do cinema na construção da identidade coletiva.

Afirma-se que o retrato de veneração dos otomanos na tomada de Constantinopla de 1453 solidifica o anseio dos turcos por uma idade de ouro e, ao mesmo tempo, promove uma identidade muçulmana-turca no lugar da identidade turca secular que tem avançado desde o tempo de Atatürk. Desta vez, a reescrita da história está sendo feita por um discurso nacionalista-conservador.

Os fatores que determinaram a escolha desse tema foram diversos. Em primeiro lugar, os súditos da Turquia e do Império Otomano não são muito comuns, pelo menos não nesta atual localização geográfica, que é o Brasil ou a América Latina em geral. Isso não é surpreendente, dado que a região é extremamente distante dos lugares onde o Império Otomano governou e, portanto, tem muito pouca ou nenhuma interação com esse tipo de assunto. Portanto, esta tem sido uma oportunidade interessante para mergulhar em assuntos relativamente inexplorados, como o



Império Otomano, a Turquia e o Oriente Médio em geral. Por outro lado, um sentimento de nostalgia e fascínio pelo passado, por uma idade de ouro longínqua, é algo que provavelmente todas as regiões estão familiarizadas, especialmente em lugares onde o populismo está crescendo, que inclui tanto a Turquia quanto o Brasil.

O objetivo deste artigo é discutir as motivações políticas por trás da produção de filmes e produções televisivas recentes na Turquia. Mais especificamente, para demonstrar que estão quase perfeitamente alinhados com a ideologia do atual governo turco e, portanto, efetivamente utilizados como um meio de propaganda tanto na política interna quanto na externa. Ao mesmo tempo, o artigo também tem por objetivo discutir os efeitos e as repercussões dessas políticas. Outro objetivo é trazer ao conhecimento dos leitores, ainda que de forma introdutória, a situação política atual e as narrativas históricas na Turquia, e como essas narrativas estão sendo utilizadas nas produções cinematográficas turcas.

A metodologia utilizada para a produção deste artigo pode ser resumida da seguinte forma. Em primeiro lugar, uma seleção de filmes e séries turcos foi determinada para visualização e análise. Durante a exibição, as conotações ideológicas e políticas dessas produções cinematográficas foram observadas e anotadas. Um levantamento bibliográfico baseado em diversos livros, artigos e reportagens foi feito para apoiar os argumentos.

OTTOMANIA: A FASCINAÇÃO COM O PASSADO OTOMANO

Textos de história otomana e ficção histórica de inspiração otomana estão sendo escritos mais rápido do que nunca e vendidos na mesma velocidade. De acordo com o artigo intitulado “Como se o período otomano nunca tivesse acabado”, publicado pelo New York Times em 29 de outubro de 2012, "um novo fascínio pela história está se refletindo em tudo, desde a política externa até os pelos faciais". As tendências de consumo, que vão desde as decorações com temática otomana, joias, roupas e alimentos, até a colocação de selos imperiais (*tuğras* em turco) em carros e vitrines das lojas, estão em alta. As artes tradicionais, como o papel marmorizado (*ebru* em turco), estão ressurgindo, bem como o interesse na própria língua otomana. Na política doméstica,



o governo enfatiza cada vez mais o passado otomano, como evidenciado por zelosas celebrações de aniversários relacionados com o otomano, como a conquista de Istambul; a revitalização de temas otomanos em locais controlados pelo governo, como livros e notas bancárias; e tentativas cada vez mais intensas de moldar o tecido urbano de acordo com uma visão nostálgica do passado otomano.

Isso varia de museus com temática otomana, como o Museu de História Panorama 1453, até mesquitas colossais destinadas a imitar a grandeza dos sultões otomanos, como a controversa mesquita construída nas colinas de Çamlıca, em Istambul. Os museus históricos atraem visitantes em maior número a cada ano e uma variedade de museus com temática otomana e parques de diversões também surgiram. O Museu de História Panorama 1453, que exibe uma pintura grandiosa de 360 graus retratando o cerco de Constantinopla, com guardas de segurança do museu vestidos como soldados janízaros, está atraindo multidões. As comemorações da tomada de Constantinopla em 29 de maio de 1453 cresceram e se tornaram grandes espetáculos públicos. O governo e as empresas privadas estão empreendendo projetos de restauração em monumentos e edifícios da era otomana em Istambul e no país em um ritmo sem precedentes, à medida que a tendência de adotar e exibir pretensos ornamentos e práticas relacionadas ao Império Otomano em vários campos sociais - público, privado, estatal e comercial – está conquistando cada vez mais a vida cotidiana.

Esse crescente interesse pela nostalgia do Império Otomano também está atrelado às políticas governamentais. De acordo com Edward Wastnidge (2019), professor de Estudos Internacionais na Universidade de Manchester, o neo-otomanismo é uma ideologia política turca que, em seu sentido mais amplo, promove um maior engajamento político da Turquia em regiões anteriormente sob o domínio do Império Otomano. No século XXI, o termo passou a significar uma tendência doméstica na política turca, onde o renascimento das tradições e cultura otomanas foi acompanhado pela ascensão do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP, fundado em 2001), que chegou ao poder em 2002. O uso da ideologia pelo Partido da Justiça e Desenvolvimento acarretou principalmente uma maior influência da cultura otomana na política social interna, o que causou problemas com as características seculares e republicanas da Turquia



moderna. O AKP usou slogans como *Osmanlı torunu* ("descendente dos otomanos" em turco) para se referir a seus apoiadores e também a seu líder Recep Tayyip Erdoğan (que foi eleito primeiro-ministro em 2003 e presidente em 2014) durante suas campanhas eleitorais. Esses ideais domésticos também viram um ressurgimento do neo-otomanismo na política externa do AKP. O neo-otomanismo foi uma mudança dramática da tradicional política externa turca, que enfatizava olhar para o oeste em direção à Europa.

Este projeto de neo-otomanismo é um projeto nostálgico liderado na Turquia contemporânea pelo governo do AKP. Ao contrário da elite republicana inicial, a nova elite muçulmana conservadora deriva sua inspiração histórica predominantemente do Império Otomano, que eles vêem e retratam como um berço de civilização multicultural, piedoso, justo e harmonioso. Esra Özyürek (2007) traça o início desse fenômeno na década de 1990: olhando para as comemorações do 75º aniversário da república, ela escreve: “os promotores do neo-otomanismo viam o império como uma prova das realizações superiores de um estado 'turco' que aceitou Islã como religião oficial.”. Como narrativa central do AKP, o neo-otomanismo tem implicações para a política interna e externa da Turquia. Ilustrada pelo texto fundamental *Stratejik Derinlik* (significado em português: Profundidade Estratégica), um livro escrito pelo ex-Ministro de Relações Exteriores e posteriormente Primeiro Ministro Ahmet Davutoglu (2011), a face da política externa do neo-otomanismo, vislumbra uma *pax Ottomanica* no interior do Império Otomano, com o objetivo de estabelecer laços com os países do Oriente Médio e dos Bálcãs em detrimento da orientação tradicional da Turquia para o Ocidente. Davutoglu afirma que a reintegração com o Oriente Médio é o destino histórico e geográfico da Turquia.

O filme *Fetih 1453* (Conquista 1453) foi produzido dentro deste contexto. Ele estreou na Turquia em 16 de fevereiro de 2012, exatamente às 14h53, uma referência à tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos. O autor Josh Carney (2004) aponta no seu artigo “Recriando públicos de história e recreação: o sucesso e o fracasso de recentes dramas de fantasia otomanos na mídia turca.” que o filme foi lançado em cerca de oitocentas salas, o que está bem acima da média para a Turquia. “Conquista 1453” chama a atenção não apenas por causa de seu orçamento de produção de 17 milhões de dólares - o mais alto do cinema turco naquela época -



mas também por ter conseguido 6 milhões de espectadores ao final de sua terceira semana. O filme acabou sendo exibido por trinta e quatro semanas e foi visto por cerca de 6,5 milhões de pessoas, também um recorde naquela data para a indústria cinematográfica turca. Considerando o significado histórico do conteúdo do filme, seu orçamento e as dificuldades da produção, não é surpreendente que se tenha tornado um assunto polêmico para os políticos, historiadores e críticos de cinema antes e depois de seu lançamento. Alguns notaram seus sucessos técnicos e estéticos, enquanto outros lamentaram suas imprecisões históricas. De qualquer forma, todos concordaram que era uma glorificação a um admirável passado muçulmano-turco.

O filme começa na cidade de Medina durante o tempo do profeta Maomé, que revela que Constantinopla será conquistada por um comandante e um exército abençoado. A história muda abruptamente para o século XV. O sultão Maomé II assume o trono de seu pai, Murad II. Seu alvo prioritário é a conquista de Constantinopla. Ele se inspira nas palavras do profeta Maomé de que Constantinopla certamente será conquistada por um comandante abençoado. Enquanto isso, o imperador bizantino Constantino XI, o Paleólogo, acredita que o sultão Maomé é inexperiente e carece de visão. Constantino exige aumentar os subsídios do príncipe otomano Orhan, que é refém dentro da cidade e, caso for liberado, pode provocar uma guerra civil. A principal intenção de Constantino é fazer o sultão Maomé II perder sua reputação, cedendo às suas exigências. Maomé II envia um mensageiro ao imperador Constantino e declara que não enviará mais o subsídio para a continuação do cativo de Orhan, o rival de Maomé ao trono. Após este incidente, Maomé começa a construir uma nova fortaleza no lado europeu do Bósforo com o objetivo de bloquear tentativas de socorrer a cidade por mar. Logo após a construção dessa fortaleza, o cerco da cidade, tanto de terra como do mar, começa. Após 53 dias de cerco militar, os soldados bizantinos nas muralhas foram derrotados em 29 de maio de 1453, enquanto enfrentavam o sultão Maomé e seu exército.

A captura de Constantinopla, ou a conquista de Istambul do ponto de vista turco, marcou o fim do Império Romano, um estado imperial que durou quase 1.500 anos. A conquista otomana de Constantinopla também foi um grande golpe para a cristandade, pois os exércitos otomanos foram deixados sem obstáculos para avançar para a Europa sem um adversário na retaguarda. Após



a conquista, o sultão Maomé II transferiu a capital do Império Otomano de Edirne para Constantinopla. Constantinopla foi transformada em uma cidade islâmica: a Hagia Sophia tornou-se uma mesquita e a cidade acabou ficando conhecida como Istambul. A conquista da cidade de Constantinopla e o fim do Império Bizantino foram um evento importante no final da Idade Média, o que também marca, para alguns historiadores, o fim da Idade Média. Também é afirmado que o êxodo dos estudiosos gregos para a Itália como resultado desse evento marcou o início do Renascimento.

Maomé II repovoou a cidade com pessoas de várias origens e crenças e mudou sua capital de Edirne para Constantinopla, garantindo uma sede multicultural de poder para um império multicultural. Ele também começou a se ver como *Kayser-i Rûm* (“César de Roma”), o herdeiro do Império Romano e de todas as suas terras históricas. Como demonstrado pelo historiador britânico Donald Quataert (2008), os sultões otomanos não hesitaram em abraçar sua herança bizantina ou romana:

Em 1453, os Otomanos devastaram Bizâncio, a segunda Roma, que resistira ao longo de um milênio (desde o século IV até ao século XV). Como conquistador, o Império Otomano herdou, de certa forma, o legado romano na sua forma bizantina oriental. De facto, o sultão Mehmed II, o conquistador de Constantinopla, afirmou que era César, um moderno imperador; por seu lado, Solimão, o Magnífico, seu sucessor no século XVI, pretendeu Roma como o mais importante elemento do seu reinado. Aliás, ao longo dos mais de quatro séculos que se seguiram à conquista da segunda Roma, os governantes otomanos prestaram homenagem ao fundador romano dando o seu nome à capital. Até ao fim do Império, o nome da cidade - a cidade de Constantino, Konstantiniyye/ /Constantinopla - continuou a figurar na correspondência oficial otomana, nas moedas e nos selos de correio, aquando da introdução destes no século XIX (QUATAERT, 2008, p. 15).

Neste filme, ou na maioria das representações dramáticas deste evento, esta aceitação da herança bizantina ou romana pelos sultões otomanos é quase sempre ignorada. O foco está na herança islâmica do Império Otomano como um sucessor de um califado muçulmano em vez do Império Bizantino/Romano. A herança bizantina é em grande parte menosprezada e exibida como uma época passada corrupta que foi inevitavelmente substituída pelo justo e harmonioso império islâmico dos otomanos. Nesse filme, isso é feito com um grande espetáculo. Segundo Carney (2014), *Conquista 1453* é uma narrativa épica da tomada de Constantinopla sob o sultão Maomé II. É extraordinário em ação, e uma grande parte do orçamento do filme foi para imagens geradas



por computador para cenas de batalha. O filme apresenta uma versão maniqueísta da história, com os governantes bizantinos retratados como inteiramente corruptos e os otomanos como de coração puro. Embora a autoridade política considere desagradável o retrato da vida privada de lazer de um sultão otomano, eles não deixam de gostar de ver os bizantinos retratados sob a mesma luz, ressaltando que essas histórias são sempre meras extensões do discurso político. Em “Conquista 1453”, os governantes do Império Bizantino não conseguem se afastar da mesa do banquete e de seus entretenimentos. Eles são impulsivos e não planejadores, enquanto o exército otomano é incessantemente vigilante e diligente. Uma abordagem orientalista do Império Otomano perturba as sensibilidades nacionais, mas o reverso provou ser uma manipulação pragmática do discurso histórico.

O personagem de Maomé II é basicamente unidimensional. Ele é jovem, ambicioso e inteligente e não vai parar por nada em sua busca para conquistar a cidade. Ele mostra dúvidas apenas uma vez no filme quando o cerco à cidade está indo mal, e isso serve como uma oportunidade para ele receber uma mensagem divina de um xeque islâmico que o levará à vitória. Isso reforça a ideia de que os governantes turcos devem ser fiéis e sempre consultar figuras religiosas. De certa forma, pode ser interpretado como uma crítica contra o secularismo na Turquia, pois reforça a necessidade de se ter figuras religiosas interferindo nos assuntos do estado em tempos de dificuldade.

O ENGAJAMENTO POLÍTICO NAS SÉRIES E FILMES TURCAS

Nos últimos anos, a história otomana tornou-se um assunto particularmente frequente, não apenas no cinema turco, mas também na literatura e na televisão. “Conquista 1453” é apenas um exemplo. De fato, muitos dramas da televisão turca no momento dizem respeito ao poder e à glória do Império Otomano. *Muhtesem Yuzyl* (“O Século Magnífico” em turco), que foi ao ar pela primeira vez em 5 de janeiro de 2011, é sobre a vida do sultão otomano Solimão, o Magnífico e sua esposa, Roxelana. A produção foi uma das séries mais caras da televisão turca e esteve no centro de debates contínuos por causa de seu retrato controverso da vida no palácio. Em 25 de



Novembro de 2012, enquanto discursava na cerimônia de abertura de um aeroporto em uma cidade do centro-oeste da Turquia, o então primeiro-ministro turco (agora presidente) Recep Tayyip Erdoğan criticou o programa, que retrata o reinado de Sultão Solimão no século XVI. Observando que os líderes da oposição criticaram a política externa neo-otomanista de seu governo, Erdoğan respondeu dizendo o seguinte:

Conhecemos nossas responsabilidades. Iremos a todos os lugares que nossos ancestrais [otomanos] foram, nos interessaremos por todos esses lugares. Mas eu acho que alguns podem estar pensando em nossos ancestrais como eles são mostrados na televisão naquele programa, O Século Magnífico. Não temos ancestrais assim. Não reconhecemos esse Solimão. [O verdadeiro Solimão] passou 30 anos de sua vida a cavalo, não no palácio como você vê na série. Vocês realmente precisam saber e entender isso. Condeno os dirigentes e o dono do canal perante a nossa nação. E uma vez que foram avisados, espero uma decisão judicial sobre o assunto. (Hurriyet Daily News, 2012)

Embora Erdoğan não tenha detalhado suas preocupações com o show, ele iniciou um debate sobre o respeito pelo legado otomano. O debate se concentra nas questões de o quão verdadeira é a representação da história otomana e a questão de saber se os otomanos devem ser vistos como heróis sagrados ou como seres humanos com fraquezas. Sempre houve gêneros históricos no cinema, mas uma prevalência recente de narrativas históricas pode ser observada tanto no cinema quanto na televisão mundialmente. *The Tudors* (2007-2010), *Vikings* (2013), *Roma* (2005-2007), *Spartacus: Sangue e Areia* (2010-2019), *Gladiador* (2000), *Cruzada* (2005) e *Alexandre* (2004) são apenas alguns exemplos. O fato de a história entrar em jogo não é um fenômeno novo. A história e a memória coletiva correspondem a uma busca de sentido quando se perde o valor da comunidade e da divindade. O cinema torna-se, assim, uma ferramenta importante para a memória coletiva, à medida que a história é reescrita por meio da visualização e da dramatização. A narração da história, seja na forma de poesia épica, romance ou cinema, retrata-a como uma realidade, criando assim uma ilusão. Claramente, em termos de historiografia nacionalista, que é o objeto deste artigo, a narrativa é uma forma de reescrever a história.

O AKP, que detém a maioria na assembleia e controla o atual governo, perpetua o discurso do islamismo conservador e nacionalista. A ideia é baseada na crença de que a Turquia está em uma posição única para ser a líder de um mundo islâmico unificado. A Turquia herda esta missão, pois é a sucessora do Império Otomano. A esse respeito, a nostalgia de todas as coisas otomanas



se traduz em uma imaginação imperialista moderna e nacionalista. Até na mídia oficial turca, TRT - *Turkiye Radyo Televizyon Kurumu* (Corporação de Rádio e Televisão Turca), aparecem notícias retratando a Turquia como a única potência que pode salvar o mundo islâmico. A atual nostalgia otomana leva o islamismo de volta às raízes de uma ideologia nacionalista-conservadora e, a partir daí, recorre ao nacionalismo para alimentar o ideal de dominação do universo pelos turcos muçulmanos. Quando o retrato filmico do glorioso Império Otomano não é poupado de despesas, a influência por trás do atual discurso neo-otomano é fortalecida .

Como mencionado antes, o filme começa com um discurso do profeta Maomé anunciando a tomada de Constantinopla, que apesar de não ter um registro contemporâneo, é amplamente considerada entre os turcos muçulmanos como um fato histórico. Uma performance coletiva de oração muçulmana acontece em frente às muralhas que cercam a cidade. O discurso antes do ataque final de Maomé II enfatiza os valores de fé e santidade e um desejo intenso de que esses valores sejam testados e comprovados pela guerra, que é respondida com gritos de *Allahu Akbar* (Deus é o maior) das tropas otomanas. Todos esses detalhes são compatíveis com o espírito da época retratada no filme e, ao mesmo tempo, não conflitam com as necessidades da ideologia política contemporânea. Um filme sobre o passado apresenta uma linguagem compartilhada com o presente. Não é o tempo retratado que é importante, mas a historicidade, as normas e a concepção compartilhadas do mundo em que vivemos. A tomada de Constantinopla pelos otomanos aponta para uma mudança de poder análoga em que Istambul é tomada dos turcos seculares e ocidentalizados. Os bizantinos representam a elite republicana secular. Istambul é novamente conquistada pelos turcos muçulmanos. Erdoğan se vê na mesma posição com seus ancestrais otomanos correndo de uma conquista para outra. Ele se identifica com esta linhagem.

Como frequentemente ocorre, os ajustes são feitos de acordo com o quadro ideológico da autoridade política. A série “Século Magnífico” foi, de certa forma, domesticada pelas críticas de Erdoğan. Demonstrações religiosas e adoração começaram a ser mostradas a cada passo da trama. Os diálogos passam a ser caracterizados por uma terminologia piedosa que não era evidente nas temporadas anteriores; as mulheres no Harém se vestem de maneira mais comportada; e, claro, o sultão Solimão é retratado com mais frequência em conquistas batalhando contra infiéis do que



se divertindo no Harém e no palácio. O personagem de repente ficou ocupado com planos de guerra e os problemas cotidianos do império. À medida que aumentavam as ameaças de interromper a transmissão, os produtores responderam acrescentando temas religiosos compatíveis com o quadro ideológico da autoridade política no poder.

Uma tendência semelhante também pode ser observada na série turca mais recente, *Dirilis: Ertuğrul* (Grande Guerreiro Otomano, em português), que retrata a vida de Ertuğrul, o pai do fundador do Império Otomano. Enquanto seu irmão mais velho Gündoğdu deseja se estabelecer e proporcionar uma vida pacífica para sua tribo, Ertuğrul está sempre interessado em enfrentar as conspirações de inimigos externos, como Templários, Mongóis e Bizantinos. Até que a tribo é dividida e Ertuğrul leva seus seguidores para a fronteira bizantina atrás de novas conquistas. Na série, Ertuğrul tem uma esposa, mas raramente ele é retratado como romanticamente envolvido com ela. O máximo que se consegue é vê-lo beijar sua esposa, mas apenas na testa. Depois das críticas e ameaças de Erdoğan às representações da vida de Solimão no Harém, ninguém ousaria mostrar o pai do fundador do Império Otomano tendo cenas íntimas com sua esposa.

Erdoğan, nunca perdendo a oportunidade de promover a série, convidou os atores para seus comícios e recomendou publicamente a série ao seu público para que eles pudessem aprender a “verdadeira história” das origens do Império Otomano. O show representa Ertuğrul como um líder piedoso, poderoso e carismático em torno do qual a unidade foi restaurada. Como mencionado pelo M. Hakan Yavuz (2020), professor de ciência política na Universidade de Utah, esse retrato pode ser considerado como uma representação sobre a personalidade de Erdoğan e seu desejo de ser o líder supremo do mundo islâmico, da vertente sunita mais especificamente. A série enfatiza a preservação e expansão do Islã. A mensagem é clara: sem um país poderoso e um líder poderoso não há vitória para o Islã. Para servir a religião, o verdadeiro crente deve se unir em torno de um líder poderoso, que está implícito ser a Turquia de Erdoğan.

Essa série, sendo principalmente um drama de nacionalidade com todas as suas histórias lendárias de vitimização, lutas pela sobrevivência e buscas de construção do Estado, seus criadores não economizam a oportunidade de afirmar que o deslocamento das tribos turcas e sua subjugação por poderes concorrentes levam à ascensão inevitável do Império Otomano, que é



apresentado na produção como uma necessidade histórica. Como Sulayman Shah, pai de Ertuğrul, coloca explicitamente antes de morrer no final da primeira temporada, "o mundo do Islã está despedaçado. O fogo da ressurreição que queimará se espalhará pelo mundo, e um novo signo turco virá à luz". Esta mensagem continua ao longo da série, e Ertuğrul repete a declaração de seu pai na quinta temporada, argumentando que o mundo do Islã, unido sob a liderança dos turcos, será salvo dos seus inimigos. Não é de surpreender que tal declaração explícita de ideologia tenha gerado polêmicas tanto domesticamente quanto globalmente. A série pode ser considerada como um esforço de propaganda crescente da televisão oficial da Turquia que visa produzir drama histórico em linha com o governo.

Essas produções da TV turca enfatizam a imagem do governante otomano como um defensor da nação islâmica, invocando essa imagem na discussão das questões árabes e muçulmanas modernas, sugerindo a superioridade do modelo otomano de um governante justo. Erdoğan também se baseia nesta imagem do governante otomano ideal, o que implica que ele representa uma continuação de sua tradição e modelo de governo. Além disso, elas enfatizam o poder militar e político do Império Otomano e o poderoso califa que foi o campeão de todos os muçulmanos e que defendeu a dignidade e a posição do estado otomano e da nação muçulmana contra qualquer afronta. Estas produções, portanto, promovem o poder como o fator decisivo nas relações internacionais, o que é consistente com a militarização da política externa turca contemporânea e serve para aumentar seu apelo e aceitação, principalmente no mundo árabe.

Isso levou à criação de uma contra-narrativa por meio de uma produção árabe, "*Kingdoms of Fire*", que apresenta uma visão árabe da história regional e das relações árabe-otomanas sob o califado otomano. *Kingdoms of Fire* é uma série de drama histórico árabe sobre o reinado de Selim I do Império Otomano e Tuman Bay II do Sultanato Mameluco de Cairo, criada por Muhammed Abdulmalik e dirigida pelo diretor britânico Peter Webber. A série retrata eventos que ocorreram no Egito e na Síria entre o Império Otomano e o Sultanato Mameluco durante os séculos XV e XVI e demonstra a competição entre os mamelucos e os otomanos pelo controle do Oriente Médio. Fatima Bhutto (2020), escritora e colunista paquistanesa da revista *Foreign Policy*, afirma que a produção é "uma resposta custosa contra o neo-otomanismo cultural da Turquia". O objetivo é



destacar a história do Império Otomano não como o apogeu da unidade muçulmana, mas como uma época sombria para os árabes; e como isso reflete hoje no papel atual da Turquia na região por meio das políticas neo-otomanas do presidente Recep Tayyip Erdoğan. Em suma, alguns países árabes como Egito, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos estão determinados a contrabalançar o esforço da Turquia para aumentar sua influência regional por meio do uso de séries e filmes com o lançamento de suas próprias séries de TV e programas que oferecem uma “Abordagem árabe” ao assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obras como “Século Magnífico”, “Grande Guerreiro Otomano” e “Conquista 1453” têm um ponto em comum, que é o fato de que não são filmes históricos, mas filmes nostálgicos. Todos eles propuseram um desejo por um passado que não existe mais ou que talvez nunca existiu. As narrações dessas obras não são apenas sobre o passado, mas sobre o presente também; eles suscitam um diálogo interminável entre o passado e presente. Eles refletem a mentalidade de hoje e atendem às necessidades de hoje.

Na Turquia e no Oriente Médio, os filmes e séries históricos da era otomana que retratam a história com uma nostalgia restauradora têm sido uma tendência crescente para influenciar a opinião pública. Eles tendem a envolver o público que é conservador em termos de religião, nacionalismo e normas sociais. Além disso, seu mito subjacente está muito alinhado com a visão pan-islâmica pró-otomana e nacionalista. É possível ler todas essas representações como o objeto do desejo por um período grandioso do Império Otomano. Um império muçulmano turco do passado que conquistou a Europa em contraste com a Turquia moderna que não foi admitida como um simples membro de União Europeia. Um império que governa o Ocidente e o Oriente. Uma potência que os ocidentais temem em contraste da pequena república que os ocidentais consideram como um país do terceiro mundo.

Em suma, os filmes e séries históricas turcas recentes têm sido uma ferramenta eficaz de projeção de poder e têm apoiado os objetivos econômicos e políticos do regime atual. Ele reflete



a orientação do regime de se basear em aspectos específicos de sua herança otomana para apoiar suas políticas atuais e promover seu "neo-otomanismo" na região do Oriente Médio e no mundo como um todo.

FONTES

DIRILIS: ERTUĞRUL. Direção: Metin Gunay. Produção: Kemal Tekden. Istanbul: Tekden Film. 2014-2019.

FETİH 1453. Direção de Faruk Aksoy. Istanbul: Aksoy Film Production, 2012.

MUHTESEM YUZYIL. Direção: Yagmur Taylan, Durul Taylan, Mert Baykal. Produção: Timur Savci. Istanbul: Tims Productions, 2011-2014.

FONTES FÍLMICAS

A Turquia é o único país que pode liderar todo o mundo islâmico. TRT Português, Ankara, 16 de out de 2018; Disponível em: <<https://www.trt.net.tr/portuguese/turquia/2018/10/16/a-turquia-e-o-unico-pais-que-pode-liderar-todo-o-mundo-islamico-1069300>> Acesso em: 28 de out. de 2020.

Turkish PM talks Ottoman Empire, slams Turkish TV show. Hurriyet Daily News, Istanbul, 25 de nov. de 2012. Disponível em: <<https://www.hurriyetdailynews.com/turkish-pm-talks-ottoman-empire-slams-turkish-tv-show---35405>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

REFERÊNCIAS

BHUTTO, Fatima. **How Turkey's Soft Power Conquered Pakistan.** Foreign Policy, Washington, DC, 5 de set. de 2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2020/09/05/ertugrul-turkey-dizi-soft-power-pakistan/>>. Acesso em: 30 de out. de 2020.

BILEFSKY, Dan. **As if the Ottoman Period Never Ended.** New York Times, New York, 29 de out. de 2012. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2012/10/30/movies/in-turkey-ottoman-nostalgia-returns.html>>. Acesso em: 19 de out. de 2020.



CARNEY, Josh. Re-creating history and recreating publics: the success and failure of recent Ottoman costume dramas in Turkish media. **European Journal of Turkish Studies**, 2014. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/ejts/5050>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

DAVUTOGLU, Ahmet. **Stratejik Derinlik: Türkiye'nin Uluslararası Konumu**. Küre Yayınları, 2011.

OZYUREK, Esra. **The Politics of Public Memory in Turkey**. Syracuse University Press, 2007.

QUATAERT, Donald. **O Império Otomano: das Origens ao Século XX**. Edições 70, 2008.

WASTNIDGE, Edward. **Imperial Grandeur and Selective Memory: Re-assessing Neo-Ottomanism in Turkish Foreign and Domestic Politics**. Middle East Critique, 2019.

YAVUZ, M. Hakan. **Nostalgia for the Empire: The Politics of Neo-Ottomanism**. Oxford University Press, 2020.